

## CONTEXTO URBANO E TERRENOS BALDIOS: UM OLHAR PARA A CIDADE DE SOROCABA

André Gabriel de Lara\*  
Maria Ogécia Drigo\*\*  
Lúcio Flávio Spinelli Pinheiro\*\*\*

**RESUMO:** A investigação toma a cidade de Sorocaba como contexto. Com o propósito de delinear aspectos da “imagem da cidade” que o usuário constrói ao se envolver com o contexto urbano no qual emergem os terrenos baldios, valer-se-á de registros fotográficos e de análises desses recortes da cidade, fundamentando-se em ideias de Ferrara e de Lynch sobre o contexto urbano; da gramática especulativa, um ramo da semiótica peirceana, para análise das fotografias selecionadas, bem como de ideias de Lévy sobre espaços antropológicos. A relevância desta investigação está no fato de se tratar o contexto urbano como espaço comunicacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação. Contexto urbano. Imagem da cidade. Terrenos baldios. Signo.

### URBAN CONTEXT AND EMPTY LOTS: LOOKING AT THE CITY OF SOROCABA

**ABSTRACT:** The investigation takes Sorocaba City as an urban context with the purpose to draw the “image of the city” that the user builds when he gets involved with the empty lands inside the city. We based this paper on the ideas of Ferrara and Lynch about the urban context, Levy’s ideas about anthropologic spaces, and we used the Speculative Grammar, a branch from the Peirce’s Semiotic, for the analysis of the selected pictures of the city. The importance of this investigation is to consider the urban context as a communicational space.

**KEY WORDS:** Communication. Urban. Context. Image of city. Vacant lot. Sign.

---

\* Aluno do Curso de Publicidade e Propaganda na Universidade de Sorocaba, bolsista de Iniciação Científica na Universidade de Sorocaba e orientando dos docentes mencionados. Sorocaba, SP, Brasil. Email: [andrezius@gmail.com](mailto:andrezius@gmail.com)

\*\* Orientadora. Dr<sup>a</sup> em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Prof<sup>a</sup> do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Sorocaba/SP. E-mail: [maria.drigo@uniso.br](mailto:maria.drigo@uniso.br)

\*\*\* Co-orientador. Dr. em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da USP. Prof. da Universidade de Sorocaba. Sorocaba/SP, Brasil.

Recebido em: Abril/2009

Aprovado em: Maio/2009

## INTRODUÇÃO

Há de se destacar que o crescente aumento dos meios de comunicação - jornal, fotografia, cinema, televisão, vídeo, imagens digitais - conduz os indivíduos a interagir com signos distintos dos verbais. A proliferação de signos é intensa e pode ser observada

desde o advento da fotografia, então do cinema, desde a explosão da imprensa e das imagens, seguida pelo advento da revolução eletrônica que trouxe consigo o rádio e a televisão, então, com todas as formas de gravação sonoras, também com o surgimento da holografia e hoje com a revolução digital que trouxe consigo o hipertexto e a hipermídia. (SANTAELLA, 2002, p. XIII)

Faz-se necessário dialogar com toda essa miscelânea de signos. Para conhecer e compreender algo, signos se interpõem entre o ser humano e o real. Outros tipos de signos, distintos dos verbais, bem como a mistura deles, intervêm e são necessários à condução do pensamento e das linguagens. Mas a mistura de signos é uma característica de todas as linguagens - formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas envolvem outras linguagens, como exemplos: a matemática, a arte e a linguagem do computador.

Esse diálogo envolve também a paisagem urbana. O usuário da cidade é também um leitor de signos. O espaço aéreo e a superfície externa de qualquer elemento natural ou construído constituem a paisagem urbana. Os elementos naturais ou construídos são: água, fauna, flora, construções, edifícios, anteparos, superfícies aparentes de equipamentos de infraestrutura, de segurança e de veículos automotores, anúncios de qualquer natureza, elementos de sinalização urbana, equipamentos de informação e comodidade pública e logradouros públicos visíveis por qualquer observador situado em áreas de uso comum das pessoas. Tal paisagem envolve a mistura de sistemas de signos, tais como: o constituído pelos cartazes, manchetes, sinais de trânsito, luminosos, fotos, quadrinhos, informação, *outdoors* e o constituído pelas ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios, ou seja, o contexto urbano, como exemplos. E por que não os terrenos baldios?

A cidade é “um processo contextual onde tudo é signo, linguagem. Ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações configuram-se como uma unidade sónica que informa sobre seu próprio objeto: isto é, o contexto”. (FERRARA, 1986, p. 120)

A poluição visual que afeta os centros urbanos também pode ser atribuída à presença de terrenos baldios? A construção do lugar envolve uma história de usos no contexto urbano. Assim, nos perguntamos: em que medida os terrenos baldios afetam esse uso?

O espaço é um *continuum* e está vinculado à imagem que o usuário constrói da cidade - denominada “imagem ambiental”, por Lynch (1997, p. 7), enquanto o lugar é o “aqui e agora”, o desfrutável e não desvinculado da imagem ambiental.

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza o que é visto, enquanto a imagem é em si testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. (LYNCH, 1997, p. 7)

Assim, nesta investigação lançamos um olhar para a cidade de Sorocaba - como um contexto urbano que envolve terrenos baldios-, e tentamos compreendê-la como um espaço comunicacional. Para tanto propomos alcançar os objetivos anunciados a seguir.

## **OBJETIVOS**

Compreender a cidade como um espaço comunicacional e avaliar o papel dos terrenos baldios nesse espaço são os objetivos gerais. Por sua vez, discriminar possíveis relações que se estabelecem entre o contexto urbano e os terrenos baldios; especular sobre as possíveis transformações da “imagem ambiental” que o usuário constrói considerando esse contexto urbano transformado e analisar recortes do contexto urbano são os objetivos específicos. Sendo assim, para atingi-los a metodologia a seguir é a que se faz pertinente.

## **METODOLOGIA**

Serão realizados registros fotográficos na cidade de Sorocaba; seleção de fotografias; análise semiótica desses recortes e leitura das obras selecionadas fundamentando-se em ideias da gramática especulativa, um ramo da semiótica ou lógica peirceana e em ideias sobre a cartografia antropológica desenvolvida por Pierre Lévy.

## **RESULTADOS**

Nos resultados apresentamos, inicialmente, a cartografia antropológica

desenvolvida por Pierre Lévy e, em seguida, recortes fotográficos da cidade de Sorocaba que exibem o movimento Espaço Terra/Espaço Território.

Pierre Lévy (2000) desenvolve uma cartografia antropológica a partir da hipótese de há um novo espaço que emerge, o Espaço do Saber. As escalas utilizadas para atingir esse novo espaço são: Terra, Território e Espaço das Mercadorias.

Os espaços antropológicos são espaços plásticos que emergem da interação das pessoas. Eles compreendem tanto as mensagens e as representações que elas evocam como as pessoas que as trocam e a situação como um todo, tal como é produzida e reproduzida pelos atos dos participantes. Os seres humanos não habitam apenas os espaços físico ou geométrico, eles também vivem em espaços afetivos, estéticos, sociais e históricos. Em qualquer dos espaços antropológicos há produção de significados.

Um espaço antropológico “é um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico), portanto, depende de técnicas, de significações, da linguagem, da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas”. (LÉVY, 2000, p. 22). O primeiro deles é a Terra, grande espaço de significação aberto à espécie humana, que repousa sobre as três características primordiais do *homo sapiens*: a linguagem, a técnica e as formas complexas de organização social. O segundo, o Território, emergiu a partir do neolítico, com a agricultura, a cidade, o Estado e a escrita. Tal espaço não suprime a Terra, mas nele ela é recoberta, domesticada e sedentarizada. Os modos de conhecimento não são os mitos e os ritos, mas começa a história e o desenvolvimento dos saberes do tipo sistemático. O terceiro - o Espaço das Mercadorias - se desenvolveu desde o século XVI, com a inauguração de um mercado mundial por ocasião da conquista da América pelos europeus. O princípio organizador deste novo espaço é o fluxo: fluxo de energias, matérias-primas, mercadorias, capitais, mão-de-obra, informações. Tal espaço não suprime os anteriores, mas tem um ritmo diferenciado.

A Terra “é esse espaço em que os homens, as pedras, os vegetais, os animais e os deuses se encontram, falam-se, fundem-se e separam-se para se reconstruir perpetuamente” (p. 118). No entanto, a Terra volta sempre, irrompe do meio do Território.

O Espaço das Mercadorias ao adquirir autonomia em relação ao Território “não abole simplesmente os espaços anteriores, mas sujeita-os, organiza-os segundo seus próprios objetivos. O velho Território neolítico é estendido, mesclado, atravessado, furado, descosido, recoberto pelo tecnocosmo mercantil” (p. 115).

Assim, tal espaço se espalha graças a essa máquina desterritorializante, que se organizou de uma só vez e a partir daí se (re)alimenta de tudo o que encontra. Ele transforma tudo o que encontra em mercadoria. Que nova dimensão do ser

humano nos auxiliaria a escapar dos percalços do Espaço das Mercadorias? Qual o cenário deste novo espaço que se desenha?

A novidade que se detecta - quer seja em pontos isolados, faixas ou manchas -, tem três aspectos:

deve-se à velocidade de evolução dos saberes, à massa de pessoas convocadas a aprender e a produzir novos conhecimentos e, enfim, ao surgimento de novas ferramentas (as do ciberespaço) que podem fazer surgir, por trás do nevoeiro informacional, paisagens inéditas e distintas, identidades singulares, específicas desse espaço, novas figuras sócio-históricas. (LÉVY, 2000, p. 24)

O mesmo autor acrescenta que a velocidade de evolução das ciências e das técnicas foi rápida e trouxe inúmeras consequências para vida cotidiana. Assim, devido à grande quantidade de mensagens em circulação necessitamos de filtros especiais para nos orientarmos, para que o coletivo humano se adapte, aprenda e invente para viver melhor. Neste aspecto, qual seria a contribuição das novas ferramentas comunicacionais?

Seu uso mais útil, em termos sociais, seria sem dúvida fornecer aos grupos humanos instrumentos para reunir suas forças mentais a fim de construir intelectuais ou “imaginantes coletivos”. [...] O papel da informática e das técnicas de comunicação com base digital não seria “substituir o homem”, nem se aproximar de uma hipotética “inteligência artificial”, mas promover a construção de coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver-se e ampliar-se de maneira recíproca. (p. 25)

Mas, onde está tal espaço que enfatiza a construção de intelectuais coletivos? O Espaço do Saber é habitado, animado por intelectuais coletivos - imaginantes coletivos - que sempre estão se reconfigurando. Ele está presente, mas de modo dissimulado, disperso, mesclado e ainda se encontra submetido às exigências da competitividade e aos cálculos do capital, no que se refere ao Espaço das Mercadorias. Quanto ao espaço do Território, ele depende da gestão burocrática do Estado e na Terra, ele ainda é absorvido nos mundos cerrados e nas mitologias arcaicas.

Mas o saber não é somente o conhecimento científico, que é recente, raro e limitado. Ele é o que qualifica o *homo sapiens*, é fruto da organização ou reorganização do ser humano na sua relação consigo mesmo e com o outro, sendo o outro as coisas do *cosmos*.

O intelectual coletivo é uma espécie de movimento autônomo no Espaço do

Saber, que flui com os conhecimentos e as capacidade de ensinar e de aprender de cada ser humano. O coletivo inteligente

não submete nem limita as inteligências individuais; pelo contrário, exalta-as, fá-las frutificar e abre-lhes novas potências. Esse sujeito transpessoal não se contenta em somar as inteligências individuais. Ele faz florescer uma forma de inteligência qualitativamente diferente, que vem se acrescentar às inteligências pessoais [...]. (LÉVY, 2000, p. 94)

A inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta de uma mobilização efetiva das competências.” (p. 28). O mesmo autor explica que é distribuída por toda parte, ao considerar que ninguém sabe tudo, que todos sabem alguma coisa e que todo o saber está na humanidade.

Quanto aos meios de comunicação, eles devem propiciar aos membros de uma comunidade a coordenação das suas interações no mesmo universo virtual de conhecimentos. Assim sendo, a inteligência poderá ser coordenada em tempo real. Por outro lado, faz-se necessário uma mobilização efetiva das competências dos sujeitos envolvidos. É necessário, portanto, identificá-las, reconhecê-las em toda sua diversidade.

Assim precisamos aprender a nos conhecer para pensarmos juntos. Para a construção de uma inteligência coletiva ou de uma imaginação coletiva, devem ser encorajados, preferencialmente:

os instrumentos que favoreçam o desenvolvimento do laço social pelo aprendizado e pela troca do saber; os agenciamentos de comunicação capazes de *escutar*, integrar e restituir a diversidade, em vez daqueles que reproduzem a difusão midiática tradicional; os sistemas que visam o surgimento de seres autônomos, qualquer que seja a natureza dos sistemas (pedagógicos, artísticos etc.) e dos seres (indivíduos, grupos humanos, obras, seres artificiais); as engenharias semióticas que permitam explorar e valorizar, em benefício da maioria, os jazigos de dados, o capital de competências e a potência simbólica acumulada pela humanidade. (LÉVY, 2000, p. 110)

A construção da inteligência coletiva é importante para que o Espaço do Saber continue a se espalhar [...] quer seja por pontos, faixas ou manchas. Mas, segundo este mesmo autor, em cada um destes espaços - devido às especificidades dos processos de significação que neles ocorrem - uma semiótica se delineia. Assim, semiótica é sinônimo de processo de significação. Os processos de significação envolvem os signos e os intérpretes. O quanto as coisas se distanciam de suas

representações é uma especificidade do processo de significação e esta relação também depende da história de semiose do intérprete, ou seja, como o intérprete se movimenta nos espaços antropológicos dados.

Na Terra, universo da significação como reino da potência e da presença, “o signo participa do ser, e o ser do signo”. (p. 141). Assim, os signos e as situações estão vinculados. Eles são potências vivas. Mas, no Território estes vínculos se desfazem, pois os signos passam a representar as coisas, ou seja, eles tornam presentes as coisas ausentes. No Espaço das Mercadorias, as distâncias tendem a aumentar, devido a grande proliferação de signos. Tudo é multiplicado e transformado pela mídia - quadros e rostos, paisagens e músicas, ritos e espetáculos -, e ainda, todos os tipos de acontecimentos são indefinidamente reproduzidos e difundidos fora do seu contexto. Essa mistura sêmica interfere em todas as linguagens, o que acarreta um aumento da complexidade dos processos de significação.

O autor menciona que é possível recuperar, pelo menos em parte, o original ou estabelecer contato com a realidade de modo mais estreito. Sim e caberia aos intelectuais coletivos a tarefa de reconstituir um plano de imanência da significação, no qual, os seres, os signos e as coisas voltassem a encontrar uma relação dinâmica de participação recíproca, escapando às separações do Território, assim como aos circuitos espetaculares da mercadoria.

Mas o que pretendemos refletir sobre modos diferenciados dos espaços se misturarem, explodir sobre outros, de modo a indicar que estão potencialmente presentes. O movimento entre Espaço Terra/Espaço Território pode ser vivenciado pelos usuários da cidade, como exemplo.

Foram captados 120 registros fotográficos em três meses de observação. Entre as várias regiões da cidade, apresentamos registros fotográficos da região central. Observar o mapa (Figura 1) e os registros fotográficos (Figuras 2 e 3), com as devidas descrições dos terrenos baldios.

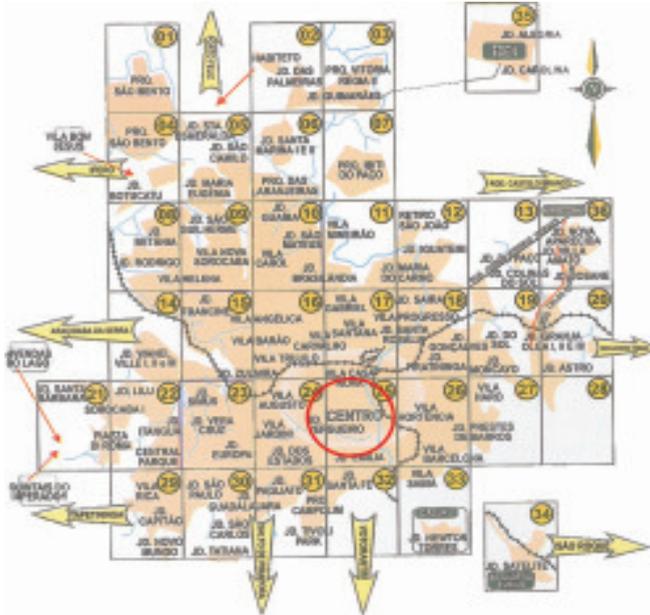


Fig. 1 - Mapa da cidade de Sorocaba com a localização dos lugares fotografados.

Fonte: Foto de André Gabriel de Lara

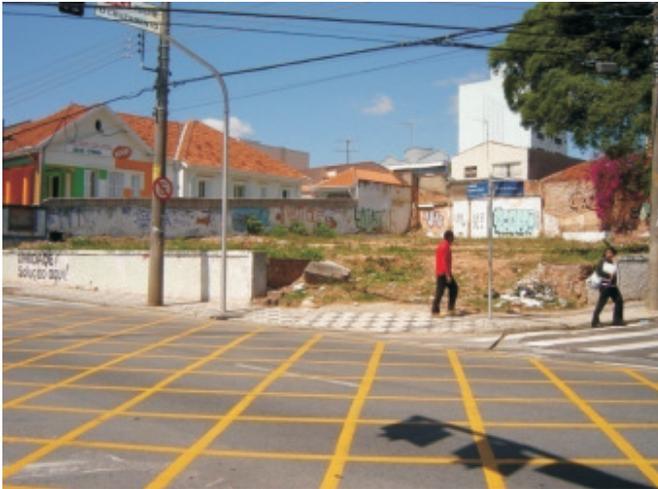


Fig. 2 - “Esquina aberta”.

Fonte: Foto de André Gabriel de Lara.

O terreno está localizado na esquina com a Rua da Penha, em frente à Padaria Real, com uma área de aproximadamente 800m<sup>2</sup> (32mx25m). É um terreno com vegetação rasteira e uma pequena quantidade de lixo concentrado na entrada do lugar.

Ao caminhar no passeio público ao lado do terreno baldio, o usuário da cidade, ou o leitor movente, pode estranhar esse espaço vazio em meio a outras edificações e estabelecimentos comerciais que convivem com um fluxo intenso de pessoas, como a Padaria Real, tradicional ponto de encontro de sorocabanos. Há uma árvore frondosa no local, arbustos pequenos e floridos, ervas daninhas que crescem à revelia dos cuidados de setores de limpeza pública. O Espaço Terra mostra sua potência em meio a uma ocupação, uma presença avassaladora do Espaço Território que não domina o outro e também não estabelece com ele uma relação harmoniosa, nem mesmo em regiões em que isto seria provavelmente possível.

O leitor está diante de um recorte da cidade, que ao afetar a mente, de algum modo, causa estranhamento, pelo aspecto singular, diferenciado, não esperado. O leitor está, portanto, diante de uma fenda, de uma brecha que pode distanciá-lo da cidade. O mesmo pode ocorrer quando o leitor se deparar com o terreno baldio tal como o exibido na fotografia (Figura 3). Arbustos, árvores pequenas, entulhos, material de construção, em uma janela que mostra o céu por entre os edifícios. Luz que adentra o caminho do leitor/movente.



Fig. 3 - Garagem em meio a entulhos.

Fonte: Foto de André Gabriel de Lara

O terreno localizado na Avenida Moreira César, próximo ao número 428, o da Figura 3, com uma área de 450m<sup>2</sup> (15mx30m), é utilizado como estacionamento de carros e depósito de entulhos e material de construção. Há vegetação nos fundos do terreno. Este se apresenta como um local de interseção dos Espaços Terra e Território, um que não se deixa desaparecer e outro que mostra fragilidades, até pelo fato de que a mão do homem o estabelece, que tenta expandir suas fronteiras, sua potência sobre o Espaço Terra.

A descontinuidade flagrante se dá devido às mudanças dos modos de ocupação do solo, o que se faz presente nas grandes cidades brasileiras. Bairros residenciais se anulam em meio aos novos edifícios - torres residenciais ou destinadas aos negócios se estabelecem - e entre eles emergem pequenos e grandes terrenos que se tornam “baldios”. Lugares que se oferecem à força da terra e ao descuido dos setores públicos. Também pela característica do Espaço Território, que vem com planejamento, em geral, direcionado à funcionalidade e menospreza as relações já existentes entre as pessoas que ali vivem. As pessoas deixam suas casas - que depois são demolidas ou reformadas, nem sempre preservando seus aspectos arquitetônicos originais -, deixam suas plantas, suas memórias. Assim esses lugares se transformam em terrenos “baldios”, que simbolizam o esvaziamento da memória das pessoas, o esvaziamento da memória da cidade.

O leitor/movente, portanto, diante desses lugares, encontra o vazio, cidade vazia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final das análises poderemos fazer conjeturas sobre a imagem da cidade de Sorocaba em meio aos terrenos “baldios”. Pelo que observamos não é grande a quantidade desses terrenos na cidade, o que nos instiga a afirmar que com poucos esforços a administração pública poderia amenizar esse problema e tornar a cidade mais atrativa. Se há poucos e pequenos terrenos baldios talvez isso se amenize se forem reforçados os trabalhos de preservação de residências ou edifícios antigos, bem como o de fiscalização de projetos de reurbanização ou de novos modos de ocupação do solo.

No entanto, segundo Peixoto (2004, p. 398), nas cidades, as imagens desses espaços não dominados pela arquitetura refletem nossa insegurança de perambular por territórios indistintos e ilimitados. Mas o vazio, a ausência de limites, contém também a expectativa da mobilidade, da possibilidade do outro. O terreno vago é também o espaço do possível. Toda a história da reação ao terreno vago, desde a

percepção dos fotógrafos até as intervenções do espaço urbano, tem sido no sentido de evidenciar a ansiedade diante da sua indefinição e erradicar sua negatividade. Ela reflete a dificuldade de lidar com a cidade em termos de força, de fluxos, em vez de formas.

#### REFERÊNCIAS

- FERRARA, L. D' A. *A estratégia dos signos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PEIXOTO, N. B. *Paisagens urbanas*. São Paulo: SENAC, 2004
- SANTAELLA, L. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.